

IMPORTAM AS PALAVRAS QUE SE TRANSFORMAM EM SABERES: A CIDADE COMO SUPORTE TEXTUAL

Isabelle de Luna Alencar Noronha¹
Rosa Maria de Medeiros Marinho Dias²
Monica de Souza Pereira³
Adriana Maria Simião da Silva⁴

RESUMO

O trabalho pretende trazer a discussão uma prática de ensino que tem como objeto de estudo as palavras presentes nas cidades. Trata-se de uma atividade fundamentada em Paulo Freire com a sua leitura de mundo, inspirada na artista plástica Marilá Dardot que em sua arte traz a fotografias de palavras expostas nas cidades e em Célestin Freinet com as “aulas passeio”, quando saía com os alunos andando pela cidade e dava a estes a tarefa de registrar o que viam. Parte do pressuposto de que as palavras escritas em muros, placas, lojas, praças, dentre outros lugares da cidade, podem contribuir para despertar emoções. São representações de algo, vida, circunstâncias, sabores, nesse sentido, carregam uma função educativa ou não, bastando à escola introduzi-las no aprendizado escolar com objetivos pertinentes ao que se deseja explorar. Tem-se palavras que designam, por exemplo, monumentos, e são partes de um processo de educação patrimonial; tem-se palavras que privilegiam línguas estrangeiras e àquelas que enaltecem o fazer/dizer artístico. É senso comum o fato de que as palavras que as cidades ostentam podem ajudar nos processos de alfabetização e letramento, mas, elas podem fazer mais, estão aportadas em um poder simbólico impresso no cotidiano, e, por vezes, passam despercebidas por boa parte da população que de tanto ver, acostumou o olhar. Assim, o presente texto, apresenta e discute o potencial de uma atividade que, com o auxílio de modernas tecnologias, tentou contribuir para produzir uma nova relação dos sujeitos com as cidades que habitam. Por fim, intentou possibilitar o entendimento de os escritos das cidades servem para nos informar e nos formar com a experiência compartilhada do discurso. Como resultados, a atividade, promoveu o despertar de um olhar aguçado e crítico sobre os dizeres das cidades, fazendo do lugar em que se vive, um lugar de aprendizagem.

Palavras-chave: palavras, cidades, leituras, olhar crítico.

INTRODUÇÃO

Palavras, com elas nomeamos o mundo. Como existiríamos sem elas? Como explicar, sentimentos, emoções, realizarmos ações sem palavras, sejam elas ditas pelo olhar, os gestos, ou pelo silêncio do não dito?

¹ Professora Doutora do Depto Educação, Curso de Pedagogia e do Programa de Mestrado Profissional em Educação – PMPEDU da Universidade Regional do Cariri – URCA; isabelle.luna@urca.br;

² Professora Doutora do Curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Regional do Cariri – URCA; rosa.medeiros@urca.br;

³ Pedagoga; Professora do Anos Iniciais do Ensino Fundamental, Município de Juazeiro do Norte, monicasouza.martins@urca.br

⁴ Professora Doutora do curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Regional do Cariri – URCA.; adriana.simião@urca.br;

O presente artigo, porém, se limita e busca trazer a discussão uma atividade pedagógica a partir da reflexão da palavra escrita, considerando que numa sociedade que se organiza pela escrita, elas estão em toda parte, nesse sentido se faz importante percebê-las, saber lê-las, decifrá-las, senti-las.

Para Paulo Freire a leitura de mundo, precede, ou vem antes, da leitura da palavra. Sim, porque ao nascer, primeiro o ser humano é guiado por suas necessidades e, um tipo de comunicação espontânea brota entre ele e o que deseja possuir, choro, gestos, risos... expressões de vontades, de sentimentos, palavras.

Faz parte do ciclo natural da vida, crescer e evoluir num contínuo aprendizado para habitar o mundo em que vivemos, nesse processo evolutivo, vivendo em sociedade, vem a aquisição da linguagem oral e posteriormente, comumente com o trabalho escolar, a escrita.

A escola é o lugar responsável por difundir e ensinar a palavra escrita, embora isso possa acontecer em outros ambientes, no convívio social e/ou quando algum pai, mãe ou responsável resolve ensinar ao filho em casa. Ainda assim, é importante dizer que a criança obrigatoriamente vai a escola e cabe a família encaminhá-la, assim como cabe a escola ensiná-la. A Constituição Federal de 1988, assegura a Educação como “direito de todos” (Art. 205) e afirma,

Art. 208. O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de:

I - Educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria;

Educação, palavra tão plena que comporta tantos significados, para Freire “é uma forma de intervenção no mundo” é, também, dar “sentido aos fazeres cotidianos”. A boa educação prima pela formação de homens e mulheres que conseguem pensar criticamente, agir democraticamente e trabalhar pela construção de um mundo menos injusto,

[...]foi aprendendo socialmente que mulheres e homens, historicamente, descobriram que é possível ensinar. Se estivesse claro para nós que foi aprendendo que percebemos ser possível ensinar, teríamos entendido com facilidade a importância das experiências informais nas ruas, nas praças, no trabalho, nas salas de aula das escolas, nos pátios dos recreios, em que variados gestos de alunos, de pessoal administrativo,

de pessoal docente se cruzam cheios de significação. (FREIRE, 2011, p.30)

O autor (op cit) fala sobre as “experiências informais” e, nesse sentido, afirmamos que a educação resulta de experiências, formais, informais e não formais, que acontecem em espaços diversos, dentre estes, as cidades, casas, em organizações não-governamentais, apenas para citar alguns. Importante é compreender que tais espaços não são estanques, mas podem e devem dialogar na formação do ser. Assim, à escola, no processo educativo que desenvolve é fundamental apoderar-se de experiências advindas destes diversos espaços e dar-lhes significações em seu meio.

Tomar os espaços da cidade como potenciais dispositivos pedagógicos educativos, é perceber a dinâmica social do bairro, da rua e, considerar o quanto isto pode ser significativo para o(a) aluno(a) que aprende. Tal ação educativa requer um planejamento sério e o desenvolvimento de uma atividade organizada que pode ou não se configurar como uma intervenção didático-pedagógica nos campos da sociologia, história, história da educação, letramento, dentre outros.

Assim concordamos com Cagliari (2007, p. 68) quando afirma que,

Alfabetizar não é tudo na escola, é preciso habilitar os alunos a usarem esses conhecimentos de leitura e de escrita para coisas úteis para a vida, para serem competentes em todos os usos da leitura oral e escrita na nossa sociedade atual, e até para servir de arma de defesa dos direitos humanos e da cidadania. À aquisição dessas habilidades foi dado o nome de letramento, como uma definição expandida do que vem a ser a alfabetização.

Não é objetivo desse artigo adentrar nas discussões sobre alfabetização e letramento, mas, é importante dizer que alfabetizar letrando é dotar o ser que aprende de capacidades que vão além da decifração de palavras e produção de textos escritos, é, pois, um exercício de construção de cidadania, e, neste ponto, encontramos os estudos de Paulo Freire, para quem ler a palavra implica em continuamente ler o mundo, interpretá-lo, questioná-lo e, ajudar a transformá-lo quando necessário.

Paulo Freire desenvolveu um método para alfabetização de adultos, não um simples método, mas uma teoria em que a educação é pensada como “uma forma de intervenção no mundo”, conforme abordado anteriormente. É aprendendo mutualmente que homens e mulheres vão construindo e se construindo o/no mundo.

As palavras explicam, suscitam, edificam, constroem e podem desconstruir. Saber usá-las é uma arte de poetas e escritores. Saber lê-las, escrevê-las e dizê-las é exercício de cidadania, porque ler, compreender e comunicar-se são exigências de uma sociedade que se organiza pela escrita, uma sociedade que anseia por sua reinvenção a partir de palavras “corporificadas” por exemplos, por matérias, ou seja, palavras “grávidas de mundo”.

METODOLOGIA

“Nós que passamos apressados pelas ruas das cidades, merecemos ler as letras e as palavras de Gentileza”, nessa canção, em homenagem ao José Datrino (1917-1996), o “profeta gentileza” a cantora e compositora Marisa Monte, brinca com as palavras, denuncia e chama a atenção para a pressa que não nos permite ver a cidade, seus muros, seus dizeres, e, talvez, nos esqueçamos também, de agirmos com gentileza.

Durante o período pandêmico⁵ (2020-2021) as cidades perderam a pressa, outro ritmo começou a fazer parte das ruas, o silêncio. Foi nesse período que, estudando pela tela de computadores, alunos(as) foram instigados a observar as inscrições nos muros, nos lugares de suas cidades. Cada um(a), de uma turma de 35 alunos(as), deveria encontrar uma forma de passear pela cidade e observá-la, senti-la, perceber suas oportunidades de crescimento, seus desafios. Buscar ouvir, através do olhar o que a sua cidade lhe diz. O que mais lhe chamasse a atenção seria fotografado e exposto em um *padlet*, para após ser refletido com a turma.

Trazer as palavras para dentro da sala de aula, foi o caminho que encontramos para trabalharmos de forma interdisciplinar, diferentes conteúdos. O fizemos, seguindo os passos de grandes educadores, tais como Paulo Freire, com as suas palavras geradoras, advindas do “universo vocabular” de quem iria ser alfabetizado; de Emília Ferreiro e Ana Teberosky com a psicogênese da língua escrita, e os estudos de Celestin Freinet, quando idealizava uma escola para o povo, e, colocava o trabalho no centro da atividade educativa,

A necessidade que acabamos de mencionar, de basear no trabalho toda a atividade escolar supõe que a escola dê definitivamente as costas à mania de uma instrução passiva e formal, pedagogicamente condenada, que ela reconsidere totalmente o problema da formação ligado ao da

⁵ O isolamento social foi exigido como forma de contenção do vírus SARS-CoV-2 causador da Covid 19.

aquisição e que se organize para auxiliar as crianças a se realizarem por intermédio da atividade construtiva. (FREINET, 2001, p. 11)

A “atividade construtiva”, se efetiva por meio de um ensino em que a criança aprenda fazendo e refletindo sobre o que faz. Sua proposta é de uma educação integral abrangendo aspectos sociais, emocionais e intelectuais, e, o desenvolvimento da autonomia do educando.

Freinet considerava que a criança já chega à escola com uma linguagem espontânea e sensível, que por vezes é reprimida por esta mesma escola com correções que podem limitá-la, isso quando o objetivo seria outro: o de dar sentido a presença e a permanência da criança no interior escolar.

Dar sentido implica em colocar a criança em situações que a estimulem, assim, Freinet criou a “aula passeio” (o que hoje comumente chamamos de aula de campo) e levava às crianças às proximidades da escola para observar aspectos da natureza, vida social, econômica e cultural da região. A atenção, o cuidado ao olhar e a posterior socialização do visto, gerava debates e textos que depois eram veiculados no Jornal Escolar e, pela correspondência interescolar, ações também criadas por ele, que expandia os sentidos da atividade inicialmente proposta.

Uma ação fundamental em sua obra era o desenvolvimento da cooperação entre os estudantes, assim, havia ainda, o estímulo ao trabalho em grupo dentre outros fatores.

Com inspiração nos citados autores, e, hoje, tendo por auxílio as modernas tecnologias da comunicação e informação, propomos o projeto de trabalho “o que dizem as cidades?”, compreendendo a cidade como “[...] um território de múltiplas histórias e culturas e, por isso, de incontáveis possibilidades educativas.” (MOLL, 2004, p. 41)

O projeto ainda tomou como inspiração a obra da artista plástica mineira Marilat Dardot que fotografou pelo mundo os escritos das cidades e transformou as fotografias em exposição. A sua produção⁶ enfatiza a linguagem, “palavra, imagem, objeto” e, busca “unir natureza, cultura e arte em meio a emoções que desperta no espectador que a observa.”

Temos nesse processo ainda a proposta de Rildo Cosson de letramento literário, que considera que,

Ao ler, estou abrindo uma porta entre o meu mundo e o mundo do outro. O sentido do texto só se completa quando esse trânsito

⁶ [Palavra-imagem-objeto: Marilá Dardot e seus limiares - ArteVersa \(ufrgs.br\)](#). Acesso em 06.08.2024.

se efetiva, quando se faz a passagem de sentidos entre um e outro. Se acredito que o mundo está absolutamente completo e nada mais pode ser dito, a leitura não faz sentido para mim. É preciso estar aberto à multiplicidade do mundo e a capacidade da palavra de dizê-lo para que a atividade da leitura seja significativa. (COSSON, 2018, p.27)

Munidas dos aprendizados dos caminhos por outros percorridos, a atividade proposta no projeto que ora apresentamos é de leitura, tendo a cidade como suporte textual.

Os professores em formação foram instigados a olhar a cidade com atenção e cuidado, a observar o ainda não visto: o que nos dizem as fachadas dos prédios, as pichações, as palavras de uma forma geral, o que sentimos quando olhamos os dizeres, eles nos tocam de alguma forma, compreendemos o que está marcado pela palavra?

...E ainda: há palavras mal colocadas? Elas embelezam o enfeiam a cidade? Por quê? O que aprendemos com os nomes das ruas? É possível contestá-las? Quais sentimentos despertam? ...

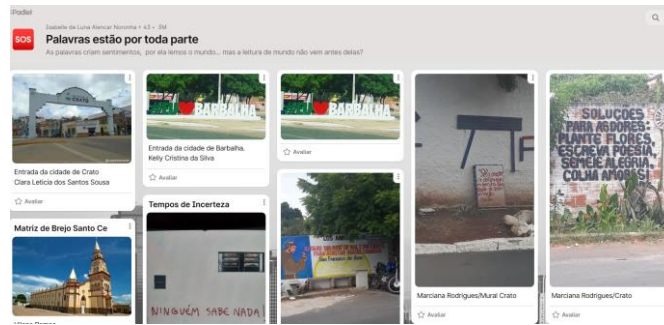
Com o auxílio do telefone celular, os professores em formação também foram movidos a fotografar as palavras vistas. Os escritos da cidade foram compartilhados em um mural colaborativo feito por meio do *padlet*⁷.

Em edições passadas a socialização das fotografias eram feitas por meio da revelação e exposição em um mural, nesse sentido, é importante ressaltar que as ferramentas digitais tecnológicas, suscitam novas formas de ensinar e aprender. No período pandêmico elas foram essenciais para minimizarem os efeitos do isolamento social.

A seguir, apresentamos uma representação da atividade:

Figura 1 – Representação de atividade posta em um *padlet*:

⁷ O Padlet é uma ferramenta online que permite a criação de um mural ou quadro virtual dinâmico e interativo para registrar, guardar e partilhar conteúdos multimídia. (UNIESP, Centro Universitário)



Fonte/Print tela -padlet/propriedade: Isabelle de L. A. Noronha⁸

O recorte do tablet (figura 1) apresentado, é uma representação do quanto esta atividade pode ser dinâmica, interativa e cheia de sentidos, vamos aos resultados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A atividade demonstrou ser possível ir construindo um conhecimento interdisciplinar à medida em que os achados escritos das cidades foram se revelando por mediação das fotografias apresentadas pelos estudantes. Além dos sentidos e significados do escritos, estiveram na pauta das discussões o meio social, político, econômico e cultural de cada lugar apresentado.

Foi considerado que para além das palavras em si, com todos os significados que elas carregam, e, do potencial alfabetizador das mesmas, haviam junto as imagens, símbolos que por vezes lhes acompanhavam e foram trazidos ao debate, ponderou-se que estas imagens agregam significados as palavras, mas, não se sobrepõem as mesmas, posto que concordamos com Aguiar (2021) “se uma imagem vale por mil palavras, uma palavra pode trazer à imaginação um número infinito de imagens”.

Numa perspectiva interdisciplinar, o patrimônio histórico, estava presente no centro do processo de desenvolvimento do projeto, revelando o que as cidades guardam e difundem em seus monumentos e nomes de ruas a história de sua existência.

Transitaram pela sala de aula a poluição visual, ambiental, os sentimentos de prazer e de dor emanados da observação atenta do meio, a problematização e a conscientização com a encenação de possíveis intervenções sociais.

⁸ [Palavras estão por toda parte \(padlet.com\)](https://www.padlet.com/)

A cada palavra, frase, pequenos textos, muitas discussões, que geraram outras formas de ver, aprender, fazer e ser.

Interessante notar que as possibilidades advindas da atividade posta reverberaram também nos componentes curriculares de matemática, história, geografia, além, é claro, da língua portuguesa, porque as palavras estão em todas as partes e são sempre cheias de significados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão.”

Paulo Freire

Chegando o momento de colocar as considerações finais nesse trabalho, nos valem de um pesamento freiriano (em epígrafe) para mais uma vez trazer a palavra para o centro da atividade que ora foi descrita/refletida, dada à leitura.

O trabalho desenvolvido e aqui apresentado é um recorte de uma experiência que pode reverberar em nova práticas, inclusive, com aspectos ainda não pensados e/ou percebidos.

Quando um trabalho feito em palavras e se coloca para leituras, espera encontrar leitores que possam com ele dialogar. Revendo a trajetória, criticando e/ou se inspirando nele, é nesse sentido que apresentamos algumas percepções do vivido: é válido destacar o empenho que os estudantes demonstram numa atividade que os mobiliza de forma integral; as possibilidades de alcance das tecnologias com a utilização das ferramentas digitais que favorem ao ensino e aprendizagem; as palavras que mais estiveram presentes nas fotografias foram aquelas que de alguma forma carregam sentidos de incentivo, de felicidade, de sonhos, isso pode explicar porque ainda é tão necessário continuarmos a luta por uma escola de qualidade pedagógica. Por fim, Como resultados, a atividade promoveu o despertar de um olhar aguçado e crítico sobre os dizeres das cidades, fazendo do lugar em que se vive, um lugar de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Luiz Antonio. **Palavras**. São Paulo: Paulinas, 2021.

- CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetização, o duelo dos métodos. In: SILVA, E. T (org.) **Alfabetização no Brasil**, questões e provocações da atualidade. Campinas, SP: Autores Associados, 2007 – (Coleção Educação Contemporânea)
- FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984
- FREINET, C. **Para uma escola do povo**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**, saberes necessários à prática educativa. São Paulo, Paz e Terra, 2011. Formato: ePub
- FREIRE, P.; MACEDO, D. **Alfabetização**: leitura de mundo, leitura da palavra. São Paulo: Paz e Terra, 1990.
- MOLL, Jaqueline. A cidade educadora como possibilidade – Apontamentos. In: TOLEDO, Leslie. (org.) (et al). **Cidade Educadora**, a experiência de Porto Alegre. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire: Buenos Aires: Cidades Educadoras América Latina, 2004 – (Coleção Cidades Educadoras).

IMPORTANTE:

Após publicados, os arquivos de trabalhos não poderão sofrer mais nenhuma alteração ou correção.